

Beatriz
uma melodia
interrompida
Paula Lebre



PRELÚDIO

VITRAL

*Recolhe os cacos
e constrói o vitral.
Constrói-o sem pressa, às cores.
Recolhe os cacos
— restos de garrafa, destroços de vidro
argamassa, balas, cinza e pólvora seca —
e constrói o vitral.
Deixa o sol tomar parte
com atenção desmedida.
Constrói-o sem pressa, às cores.
Aprende bem cada um dos gestos.
Lança para a fornalha ardente
restos de garrafa, destroços de vidro
e funde também perfis de chumbo
até que o brilho atinja
argamassa, balas, cinza e pólvora seca.
Espera que o vidro atinja o seu ponto de quebra
e com um estilete de diamante
deixa o sol tomar parte.*

J.M.C.L

Este livro não é sobre a morte da Beatriz. Este livro existe para que o mundo saiba o valor do tesouro que perdeu: um ser que transformava banalidades em pequenas aventuras. Com ele,

quero que se saiba como a Beatriz viveu. Há pessoas que passam pelo mundo e há pessoas que mudam a forma como vemos o mundo.

«Beatriz foi assassinada», «o corpo foi encontrado uma semana depois», «jovem de 22 anos», «O homicida confessou que matou a colega porque não aceitou um relacionamento amoroso». Notícias destas fazem parte da crónica de todos os dias, das manchetes de todos os jornais. Mulheres assassinadas, violência, violações. Vidas cerceadas, sonhos desfeitos, raios fulminantes que clamam pela nossa atenção por um, dois, três segundos. E depois? Continuamos com as nossas vidas, como se o hábito repetido *ad nauseam* de histórias assim se apagasse. Como um fósforo.

E, de repente, tudo mudou para mim. A minha vida despedaçou-se. O grito mudo perante a crueza destas palavras impressas a negro: jovem, 22 anos, assassinada, corpo encontrado, morte. Beatriz, a minha Beatriz.

O fósforo continua a arder e os meus dedos seguram esse pau queimado que lentamente começa a desfazer-se. Todo o sopro de vida de quem fiz nascer se extinguiu. Puf.

Como escrever num livro a história da Beatriz?

Enfrentei um duro limite que me impedia de descrever, por palavras, o que sentia ou inventar outras tantas que pudessem projectar o indescritível para fora de mim. As palavras nunca chegam quando mais precisamos delas. Há um esgotamento de todos os sentidos, uma sensação angustiante de que nada escapou do colapso. O sofrimento sufoca o raciocínio, cala as palavras, entorpece as emoções, o pesadelo domina-nos, amarra-nos a uma vida que não parece ser a nossa. Até que o grito sufocado precisa de se soltar, como um eco que ressoe em todos os corações. «A minha filha morreu, a minha filha morreu, morreu.» Como se dizê-lo em voz alta tornasse real, palpável, esse pesadelo que embate na indiferença do mundo à dor e às consequências do machismo. Já não eram frases, eram factos.

E eu não queria dizê-lo, porque a verdade nos atinge como um *boomerang*. Queria lançar o grito para muito longe, para que a próxima mulher não morra, expulsar a dor com toda a força. E ela volta a mim. Sempre. Não podemos calar o que o coração nos grita quando assistimos à desintegração do humanismo.

Precisei de cinco anos para sair do labirinto que enredou e desorientou a minha alma paralisada. Escrever no calor do momento só me faria reviver o terror. Era impossível regressar sem me violentar. Foram cinco anos para vencer a indolência, para lapidar, para procurar as palavras que nos magoam, mas também nos beijam.

São muitos os escritores que dizem que a escrita obriga a uma estranha clausura que nos traz de volta ao mundo. Descobri neste recolhimento voluntário um veículo sereno que me transporta ao ponto de encontro com o que o meu corpo esconde e que desconheço.

Comecei com um desabafo, quase um suspiro. E, pouco a pouco, esse sopro tomou forma, depois de receber o amparo e a orientação de um amigo que faz o meu coração sorrir. Olhei para a página em branco e a tremura da caneta. Ensaçando os primeiros rabiscos, a tinta deslizou com a premência de recheiar o texto com um pouco do que a Beatriz mais amava. Um pouco mais, um pouco mais, e tudo me levava para a página seguinte. Um pouco mais e mais e mais. Como se a palavra «fim» não existisse. Surgia sempre alguma coisa para acrescentar, dando-me a ilusão de que estender o texto era alongar-lhe a vida. Uma ingênua e ridícula aspiração de tornar a sua vida em livro mais longa do que a vida real.

Quis também despejar sem reservas a minha dor e expor o meu *kit* pessoal de sobrevivência ao luto. E não deixar que a gratidão e o prazer pela vida morressem em mim.

Escrever um livro que pretende ser mais do que uma homenagem póstuma à minha filha exigiu uma dolorosa coragem e lucidez

que tive de arrancar do corpo, sempre que enfrentava essa folha em branco. E escrever sobre o meu sofrimento exigiu escavar o reservatório das emoções, para as distinguir. Quando as libertei no papel, desintoxiquei a alma e esquivei-me à solidão, reencontrando um novo propósito.

A morte da minha Beatriz é agora uma ferida que já não sangra, mas arde. Tal como a sua ausência será sempre um peso, mas não deixarei que me tire a paz.

Servi-me das palavras de escritores que transmitissem o que sentia, pela impossibilidade de, por vezes, encontrar a palavra justa. Os mestres da palavra sabem captar a essência de sentimentos tão contraditórios como a dor ou a alegria, a raiva ou o amor, a vida ou a morte. Creio que nesta miscelânea do que é meu e dos outros (e «roubar» frases alheias é pecado perdoado) nasce uma síntese, que agora partilho.

Este vitral da minha filha não pretende ser um *requiem* sobre a dor da perda, mas sim um hino à vida e à beleza dos momentos por ela vividos na sua breve cruzada terrestre: o amor pelas artes e pela licença de carimbar em toda a parte a palavra «liberdade».

Longe de procurar qualquer ajuste de contas com quem causou a sua morte, este livro convida à reflexão e é um alerta sobre todo o tipo de violência, em particular o femicídio (por ter sido o caso da minha filha), enquanto fenómeno social crónico e crescente nas estatísticas sobre violência, interpelando a nossa atenção e acção colectivas.

Se todas as vítimas têm rosto e nome, também os cruéis agressores os têm. O mal tem rosto humano, e por isso não evito falar do Rúben.

É urgente combater a impassibilidade que se alastra perante a banalização e a indiferença dos problemas sérios de violência que julgamos acontecerem só aos outros.

Lembrar a Beatriz num luto que escapa a toda a compreensão, e que me poderia tirar o propósito da vida, é também uma

reaproximação espiritual aos laços únicos que sempre unem uma mãe e uma filha. Nem tudo é dor na morte, há encantamento nostálgico quando me sinto disponível para continuar a vida na companhia da minha amada filha sem corpo. O mundo da Beatriz precisa de consolo, mas também merece a confiança da redenção pelo Amor e pela Arte. Poderei criar um mundo alternativo? Como Sartre nos ensinou, «não importa o que a vida fez de mim. Importa o que eu farei com o que a vida de mim fez». Por mais cruel e grotesca que tenha sido a morte da Beatriz, nunca terá justificação limitar a minha existência a algo redutor e medíocre. Qual será o efeito do tempo numa mãe sem a sua filha? Descobrirei um pouco mais a cada dia em que seguirei em frente, mas hoje o futuro é muito mais nostálgico do que o passado.

Partilhar a minha condição de mãe órfã de filha (poderá ser este o nome de uma mãe que perdeu a filha?) recupera e reforça o meu laço com o mundo. Esse vínculo — legitimado pelo professor João Nascimento —, de guardião da memória da minha Beatriz, é uma missão que acolhi, procurando submergir o sofrimento que a sua ausência me causa.

Só consciente da minha imperfeição poderei reabilitar o humanismo que me sobra e melhor pessoa poderei ser para honrar o legado da minha filha. Enquanto sobrevivo ao pior, farei por merecer o melhor, e assim não bastará a morte para matar a nossa Beatriz.

Dedico este livro a todos que amaram a Beatriz. E que a Beatriz amou.

*Born free
And life is worth living
But only worth living
Cause you're born free*

JOHN BARRY
Born free

Que farei agora, que tudo me dói? Estremunhada, vivo os dias que me ficaram violentos num mundo às avessas. Como acto desesperado de libertar o sufoco da dor e o grito que me habitava, dei comigo a verter desabafos nas redes sociais. O alívio foi imperceptível, mas a ousadia de me servir da dor como eco de rebelião pacífica contra a violência proporcionou-me uma espécie de redenção. Estas pequenas publicações espontâneas serviram para me libertar da mesquinhez dos pensamentos inquietos, pecaminosos, desordeiros, mas dolorosamente silenciosos. O meu pedido de socorro deixou de ser mudo, mas não abrandou o motim no meu cérebro. Sei que nada poderá apaziguar a escuridão da malograda morte da minha filha. Todavia, também sei que poderei dar companhia à solidão desta dor.

Os meus primeiros *posts* estimularam o compromisso pessoal de ter de vencer por mim, pelo meu filho e por todos os vivos que podem vir a ser vítimas da universal crueldade humana. Por outro lado, descobri que, ao falar da Beatriz, a mantinha viva entre nós. E, mais importante, tirava-a da vala comum das mulheres assassinadas.

Por mais eloquente e criativa que eu pudesse ser, questionava-me de que modo poderia a minha escrita ter o efeito terapêutico de superar o poder incapacitante e o trauma que vivia.

Com a alma em frangalhos e a frágil consciência ocupada com a perplexidade, o insólito, a indignação perante a realidade e a preocupação com os vivos em risco perto de mim, limitei-me, de início, a compilar as mensagens que ia recebendo sobre a minha filha. Alguns testemunhos inspiravam-me frases e comentários que me pareciam lapidar a tristeza, pelo que comecei a pensar que escrever poderia, pelo menos, polir a minha dor.

Fui rabiscando resumos e rascunhos em papéis soltos de vários tamanhos. Os *flashes* reflexivos, sendo inesperados e voláteis, seriam também inúteis, caso não os registasse, já que a memória de sessenta anos não é de fiar.

A utilidade pragmática da escrita permitiu-me organizar os pensamentos, na tentativa de encontrar respostas às perguntas que deles iam surgindo. Precisei de viver, aos cinquenta e sete anos, a morte da minha filha, para ser capaz de estruturar os pensamentos que sempre me invadiram, mas que nunca havia abraçado. A vida prática impunha-se com a sua urgência, e os momentos de contemplação estavam reservados ao sublime prazer da música e da leitura. A morte teve, para mim, afinal, essa utilidade: despertou-me a urgência de estruturar os pensamentos.

O universo nunca fica igual quando uma vida começa ou quando uma vida acaba. Qualquer vida, seja ela de boa ou má índole, contém em si algo transformador. O que aqui deixamos será tanto mais importante se formos além do pensamento e agirmos. Se nada fizer com os recursos de que disponho, da vida que levei ficarão apenas o meu silêncio e a minha insignificante rotina.

Depois de algumas hesitações, concluí que não tinha nada a perder e, caso conseguisse chegar ao fim de tal aventura com

um livro publicado, isso significaria que teria vencido a solidão de um sofrimento e, quem sabe, conseguido tornar, em nome da Beatriz, mesmo sendo pouquinho, a humanidade mais humana.

Disse Tolentino Mendonça que cada nascimento é uma porção de infinito que se acrescenta ao mundo e que, por mais curta que seja a sua existência, terá sempre uma dimensão impossível de ser totalmente quantificada. Como poderei eu narrar a esperança contida numa existência tão bela, cuja história foi brutalmente interrompida? Serei eu capaz de contar a verdadeira história de uma vida aniquilada ainda na sua fase de florescência e que acabou sem nada ter chegado ao definitivo? Conseguirei honrar a epopeia interrompida da sua bondade e graça ainda quase imaculada? Onde encontrarei o mérito de que preciso para a empreitada? Chegarei a uma narrativa coerente? Eu não sei nada sobre escrever e fazer livros. Arrisco-me a ser uma fraude.

Hesitei várias vezes, por insegurança e honestidade intelectual. Sou uma banal funcionária pública, domesticada por uma rotina simples e corriqueira e, não poucas vezes, também mesquinha. Nunca me tinha passado pela cabeça criar algo que sempre julguei exclusivo de seres com profunda intelectualidade, abençoados pelo talento e nobreza cultural. Nunca senti que teria algo de novo ou especial a dizer ao mundo, e, caso tivesse, não saberia como fazê-lo. Sempre fui leitora pelo prazer de ler e ganhei enorme deferência por alguns escritores, mas nunca estudei literatura, nem a arte da comunicação escrita. Consciente das minhas limitações, publicar textos meus num livro era entrar num terreno que me era estranho e, por isso, entendível, para mim, como uma pretensão. A ideia de enviar para uma editora um texto assinado por mim não era senão um delírio inofensivo provocado pelas circunstâncias. Além disso, julgava eu, os meus sucessivos adiamentos acabariam por me levar a desistir. Entretanto, enquanto escrevia, ia distraíndo as angústias, imaginando vozes a aclamarem a Beatriz. Daqui surgiu uma inquietação interior, um sentimento de dever, de ter

de cumprir um compromisso, e tornou-se cada vez mais premente a necessidade de realizar a minha «vontade de poder», de tentar eternizar a minha filha.

Se pretendo que este livro seja um grito de insurreição contra a opressão física e social que ainda existe sobre as mulheres, o mínimo que posso prometer é não mascarar qualquer verdade e muito menos ceder a preconceitos morais. A vida já me ensinou que «onde se devotam moralismos reina a hipocrisia», e a Beatriz não era, nem poderia jamais ser, exemplo de perfeição à imagem de dogmas moralistas. Ela viveu com total ética e virtudes, mas também desafiou censuras, cometeu erros e «pecados» próprios do crescimento de uma mulher graciosamente livre, curiosa e ávida de vida. Cumpriu e sempre agiu em defesa dos deveres humanistas, mas também fez uso das oportunidades para transgredir regras institucionalizadas pelo prazer da saudável irreverência juvenil que desafia a imposição, muitas vezes com a ingênua, mas assertiva, esperança de corrigir um mundo perverso. Falo de uma jovem mulher de vinte e dois anos libertária em defesa da liberdade.

C. S. Lewis disse que «tudo o que não é eterno é eternamente inútil». A vida da Beatriz revelou-se eterna nos corações de quem a conheceu, por isso, nunca eu poderia resignar-me à inutilidade da sua morte. A verdade sobre o fim da Beatriz é relativa, pois o pavor e a repugnância que a envolve mina todas as hipóteses da realidade. O horror tudo distorce e a necessidade de sentido mistura-se com a possibilidade de não existir sentido nenhum.

O percurso da minha vida desabou, e, se hoje tudo me parece uma sucessão de acontecimentos aleatórios e caóticos, tantas outras vezes me surge como algo que segue uma lógica inevitável imposta pela complexidade da condição humana. Esta falta de entendimento é o precipício da minha existência. Apesar disso, não será o desconhecimento sobre o que aconteceu no cérebro de um homem que me impedirá de usar, na defesa da dignidade humana, a morte

de alguém a quem dei vida. Nunca será a morte da Beatriz um fim eternamente inútil.

Desejo, como cidadã, que o caso da Beatriz não caia no esquecimento e desapareça, e que a sua história possa denunciar os tempos sombrios que vivemos neste presente de recuo civilizacional imposto por falsas e hipócritas doutrinas morais estereotipadas. Estarei aqui inteira para cumprir esse desígnio. Será um livro feminista, escrito com sangue do meu imperfeito coração humano, e, por isso, nunca será um livro sanguinário contra os homens.

*Whenever it's early twilight
I watch till the star breaks through
Funny, it's not a star I see
It's always you*

CHET BAKER
It's always you

À medida que as páginas iam sendo preenchidas, fui descobrindo que a minha escrita tinha tanto de expiação como de redenção. Alinhar palavras parecia uma busca pelo instante exacto em que eu deveria ter feito algo diferente para salvar a Beatriz daquele destino, como no poema de Pessoa: «Se em certa altura / / Tivesse voltado para a esquerda em vez de para a direita / Se em certo momento / Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim.» Por outro lado, à medida que ia desenhando as sílabas em que despejava a minha dor, havia nelas o prazer da lembrança da invisível presença da Beatriz. Ela deixara de estar ao meu alcance, mas enquanto escrevia ela aparecia.

Sendo mulher e mãe da vítima, assumo um duplo e simultâneo papel neste livro para o qual sirvo de modelo vivo. Por um

lado, sou a narradora que promete ser fiel aos factos, protegendo a verdade; por outro, sou uma consequência colateral da tragédia e da especulação sensacionalista, maliciosa e premeditada, o que pode distorcer a análise a favor da minha conveniência. Claro que não basta ser mulher para ser justa neste assunto do femicídio, como também não basta sofrer para compreender a dor. A legitimidade da minha escrita é unicamente o direito à liberdade em defesa do supremo valor da dignidade da vida e também da morte.

Desejo que a experiência trágica da Beatriz e de todas as mulheres assassinadas sirva ao menos para recuperar e elevar os valores da liberdade das mulheres e lembrar os direitos tão duramente conquistados ao longo de décadas, e cada vez mais em risco nos últimos anos.

Se conseguir usar as palavras certas para fazer jus à vida da Beatriz, talvez elas tenham também a bênção de salvar as nossas.

Como o título do livro de Stig Dagerman, *A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer*, julgo que as palavras prontas e vazias não são totalmente inúteis. Não satisfazem, não resolvem, mas algum amparo nos trazem. Da mesma forma que desejo encontrar significado para o infortúnio que enfrento, tenho dificuldade em aceitar respostas definitivas. Por mais que insista, nada se alinha. Tudo fica incoerente, e eu fico perdida.

A situação de extrema angústia causada pela morte de uma filha assassinada não é circunstancial, permanece em mim uma tristeza de estimação. Não raras vezes, as forças anímicas quebram e tenho de procurar uma e outra vez motivação para a vida. Os sentimentos sobressaltam-se, tempestuosos, e uma intensidade febril conduz-me, no limite, a uma aparente apatia. É com esforço que decido procurar no meu íntimo aquilo que é saudável em mim para iluminar a esperança que ainda subsiste.

«Viver é rasgar-se e remendar-se», disse Guimarães Rosa. Tudo em mim ainda inflama. Nada está cicatrizado. Escarafunchar feridas invisíveis que me assanham o corpo e a alma, reacender

desesperos e sufocos aflitivos, desvendar segredos íntimos e revolver recordações escondidas obriga-me a um vigor psíquico que muitas vezes me falta. A escrita foi, por isso, lenta e marcada por períodos de interrupção. Nem sempre tive a coragem de olhar para as minhas próprias feridas.

Tenho de manter à tona a útil lucidez para afastar o inútil rancor. É um trabalho árduo, este de escrever sobre o que nos envenena e nos assombra. Tive de ser paciente e generosa comigo mesma. Fernando Pessoa escrevia para salvar a alma, talvez eu escreva para salvar os meus dias e, principalmente, salvar a morte da Beatriz.

Traduzir sentimentos e acontecimentos em palavras não é um exercício, para mim, natural. A minha escrita é inexperiente, entre soluços de dor e de insegurança, mas talvez salva por um fundo plagiado das leituras, dos filmes e da vida que me coube viver. Socorro-me dessas referências porque plasmam bem a claridade do que pretendo transmitir. Não o saberia fazer com essa perfeição. Empenhei-me para que estas páginas possam reflectir uma faísca deste meu corpo em brasa e incendiar consciências sobre os efeitos nocivos de cabeças aprisionadas no mal viver.

Sei que a bondade é a mais comovente prática do humanismo e também a mais delicada e frágil. Basta um leve sopro de ameaça para nela ficar mácula por ofensa degenerativa, e, por isso, sermos bons num mundo mau é onde reside a maior glória. Praticar a bondade como resistência ao impulso de pagar na mesma moeda é um acto revolucionário perante a decadência anunciada pela evolução da sociedade egocêntrica. Quero manter inabalável a esperança de retorno à essência humanista. Guardo estes versos de Adília Lopes no meu bloco de notas: «O mal / é banal. / O mistério / maior / / é o mistério / do bem.»

Preciso de procurar a harmonia e de nela manter o foco, para continuar a ser gentil com aqueles que se cruzam comigo todos os dias, como era a Beatriz. Assim, a dor não me endurece ao ponto de amargar a lembrança da doçura que me foi roubada. Terei orgulho em mim por conseguir encontrar beleza neste mundo feio e perverso e aprender algum talento na «arte de perder»¹.

A concentração exigida para encontrar palavras compatíveis com o amor umbilical que eu e a minha filha sentíamos uma pela outra serviu para afastar fantasias mentais e imagens trágicas que teimosamente me perseguem. Quando o nosso subconsciente aponta um alvo, não desiste. Um insólito horror parece estar sempre na iminência de me acontecer. Julgo ser o trauma que não me deixa desinstalar o medo, meu inimigo, que, de vez em quando, me paralisa. São longos momentos de total pânico que estancam o raciocínio lógico e acorrentam qualquer acção. Basta o meu filho não atender um telefonema, para que eu seja invadida por um descontrolado pavor que me põe a tremer e me gela o sangue nas veias, como premonição de algo trágico, e nem o ar sôfrego que inspiro com gana de touro passa da goela. Tenho sempre um repentino terror à espreita e não há interruptor para o ligar ou desligar. Não controlamos os nossos pensamentos. Eles surgem tantas vezes sem sabermos a razão. Carlos de Oliveira escreveu que «não há machado que corte a raiz ao pensamento». Mas se é certo que, por vezes, ele nos dá uma liberdade inviolável, outras nos aprisiona ao que nos dói. Se não conseguimos dominar o pensamento por vontade própria, pelo menos a escrita, quando nos conduz para caminhos menos agitados, ajuda a fugir de alguns pensamentos perturbadores da paz. A escrita acolheu-me e, não sendo eu uma residente, serei nela refugiada.

Foi impossível separar os pensamentos das emoções. Não espere, pois, o leitor uma escrita sempre coerente. As emoções

¹ Elizabeth Bishop.

distorcem muitas vezes a lógica. Contudo, se as emoções dolorosas me constrangem de escrever algumas verdades, são também elas que validam o meu testemunho e o tornam muito mais autêntico.

Com a morte da minha filha, de repente deixei de ser quem eu julgava ser e fui o que os outros precisaram que eu fosse. Passados cinco anos, não sei se sou o que eu preciso de ser ou se passei a ser o que os outros julgam que sou. Ao escrever, pude discernir o que simplesmente vou sendo.

Beatriz não morreu. Foi assassinada.

Em 2020, 35 mulheres morreram em contexto de violência doméstica em Portugal, 19, vítimas de femicídio.

Beatriz Lebre foi uma delas.

Na noite de 22 de Maio, um colega do curso de mestrado dirigiu-se à casa de Beatriz e, quando ela lhe abriu a porta, agrediu-a brutalmente com um bastão. Depois, transportou o corpo na bagageira do carro e deitou-o ao rio Tejo. Foi o que noticiaram os principais meios de comunicação.

Não chegou a haver julgamento. Um mês e meio depois, o alegado autor do crime suicidava-se na cadeia.

Este livro, escrito por uma mãe em luto, procura recuperar memórias, numa tentativa de tornar a existência da filha mais longa em livro do que na vida real, alertando em simultâneo para a violência crescente contra as mulheres, flagelo que, de dia para dia, ameaça cada vez mais as sociedades ditas desenvolvidas.

«Este livro tem a terrível beleza da verdade.
E espero que seja lido por milhões
de portugueses e que contribua para
acabar com a estúpida narrativa mediática
do “crime passionai”, que tantas vezes tem
contribuído para cavar ainda mais essa
“vala comum das mulheres assassinadas.”»

Inês Pedrosa

Do prefácio



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-711-7



9 789895 897117